

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMOES, e. VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

A palavra do Presidente

O Presidente da República fala hoje à Nação. E enquanto a Assembléia Nacional Constituinte não decidir qual é o regime político definitivo do País, esse regime em vigor é o presidencialismo. E, portanto, o Presidente é o chefe do Governo, o chefe de Estado e o condutor tradicional da política no sistema republicano. Ele governa, de fato e de direito. E sua palavra é diretriz de comportamento da administração pública federal, bem como uma orientação para os destinos do próprio País.

Se a Assembléia Nacional Constituinte optar amanhã por um regime de Conselho de Ministros, então a nova realidade vai pautar o comportamento e o pensamento político do futuro governo. Até lá, entretanto, quem chefia o Poder Executivo é o presidente Sarney. E é investido dessa autoridade constitucional incontestável que ele hoje se dirige à Nação brasileira, ansiosa por ouvir palavras de confiança no futuro e de definição de metas, propósitos e intenções do Governo em todos os seus campos de atividade política, econômica e social.

O Governo, aliás, acaba de lançar o seu plano estratégico de desenvolvimento econômico e social, batizado de Programa de Ação Governamental, para o período 1987/91. Trata-se de um balizamento importante para os rumos da economia e da política social da administração federal nos próximos cinco anos. Porém, o que se discute, no momento, não é exatamente

uma questão programática ou de intenções, mas de diretrizes e as ações mais claras e definidas do Poder Executivo em relação aos partidos que, até ontem, formavam a sua base de sustentação, com o nome de Aliança Democrática.

O País não está à espera de reiteração de intenções e de programas do Presidente da República em relação à dívida externa, à iniciativa privada, à prioridade do setor social e outros temas tão exaustivamente debatidos — aí incluídas a reforma agrária, a tributária, a habitacional e outras. O que o País espera, com mais ansiedade, é que o presidente Sarney anuncie claramente como fica o seu próprio Ministério, depois da crise que sobre ele se abateu nos últimos dias. E de que maneira pretende recompor seu esquema de forças políticas para atuar na Assembléia Nacional Constituinte, em termos estratégicos, mas também no Congresso Nacional.

Se é incontestável que o Presidente da República comanda a política nacional no regime presidencialista em vigor, também é verdade que a Nação está à espera de palavras mais claras e de diretrizes mais firmes em relação ao tratamento dos problemas políticos, econômicos e sociais na pauta das prioridades nacionais. Se assim não for, ter-se-á perdido uma oportunidade de reanimar a Nação com palavras de confiança baseadas em fatos e em projetos factíveis e necessários à vida do País.